

Crise Alimentar e Objectivos do Milénio

*Salil Shetty, director
Campanha do Milénio das Nações Unidas*

A subida dramática dos preços dos alimentos mergulhou milhões de pessoas pobres e muitos países importadores numa crise alimentar sem precedentes. Em consequência, está a pôr em risco as possibilidades daqueles países para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) até 2015.

Os pobres são quem mais gasta do seu orçamento para comprar alimentos. Assim, a subida de preços acaba por ter como efeito a redução não só do seu consumo alimentar mas também dos seus rendimentos. Embora o foco esteja no impacto que possa ter ao nível do ODM de redução da pobreza e fome, a verdade é que dada a relação estreita entre todos os oito ODM, o impacto em termos de saúde, educação ou, de forma mais abrangente, nas condições de vida para as populações destes países não pode ser subestimado.

Paradoxalmente, lidar com todos os ODM de uma forma integrada, tal como acordado pelos 189 líderes mundiais na Cimeira do Milénio em Setembro de 2000, poderia ter levado a uma maior segurança alimentar para os pobres deste mundo. Mesmo agora, para encontrar uma solução que dure, sem prejuízo de se responder imediatamente às necessidades humanitárias das populações e países mais vulneráveis, o que é preciso é essencialmente um esforço muito mais sério e intensivo para se alcançar os ODM até 2015, com um forte ênfase nos grupos pobres e excluídos.

Um plano de longo prazo baseado nos ODM, estabelecendo ligações claras entre todos os objectivos com apoios orçamentais adequados, que foi prometido pelos governos dos países pobres em 2000 e em 2005, tem de ser o ponto de partida. A negligência prolongada de investimento em sectores que empregam largas secções dos pobres e excluídos, como o da agricultura, precisa de ser revista.

Enquanto a procura de melhorias tecnológicas pode ser um instrumento para se alcançar maior produtividade agrícola, não existe substituto para uma gestão mais sustentável da terra, solo e água e pelo respeito dos direitos e aspirações das populações mais pobres, e em particular das mulheres. Para que a revolução possa permanecer "verde" não nos podemos esquecer que as causas da insegurança alimentar são tão institucionais como ambientais e técnicas. Procurar responder ao ODM da redução da pobreza e da fome sem estudar os seus impactos no ODM da sustentabilidade ambiental e vice-versa levará simplesmente a transferir modelos Asiáticos para África sem na realidade se aprender nenhuma lição.

Um aspecto poderoso e incrível desta crise tem sido o dos protestos populares espontâneos em vários países incluindo aqueles onde os cidadãos não têm espaço para fazerem ouvir a

su voz. Isto é certamente um sinal para o despertar das consciências dos líderes políticos, indicando que negar os direitos básicos e os compromissos para com os ODM tem consequências políticas. Traduzir estes protestos populares em esforços de longo prazo por parte dos cidadãos para monitorizar o desempenho do Estado é um grande desafio. Mas a verdade mantém-se: a falta de transparência na gestão de políticas públicas e reservas alimentares, em particular o açambarcamento de produtos alimentares de forma pouco ética por comerciantes que operam no mercado negro- e que estão muitas vezes ligados de forma discreta a políticos-, começa a ser cada vez menos tolerado pela maioria dos cidadãos. Uns média atentos não permitirão que persista uma governação corrupta e que não preste contas.

Finalmente, lembraram-nos que a responsabilidade maior dos países pobres em alcançar os ODM e o papel importante do Estado como unidade última em termos de decisão e de prestação de contas só acontecerá se os países ricos (a chamada "comunidade internacional") também mantiverem o seu compromisso de parceria global. Estes países, entre os quais Portugal, têm de responder às promessas da Declaração de Paris de mais e melhor ajuda. E isto é algo que não está a acontecer. Estes países têm de concluir o Acordo de Doha de forma que ajude os países pobres a alcançar os ODM; tristemente, continua-se sem se ver a luz ao fim do túnel.

A força dos mercados globais desregulamentados requiere uma arquitectura institucional internacional que proteja os pobres de choques que não resultaram dos seus actos e que estão completamente para além da sua capacidade de absorção. As políticas de subsídios agrícolas nos países ricos têm levado à comercialização abaixo do preço de produção desses produtos (dumping) nos países pobres - causando a erosão da base agrícola nesses territórios. Agora temos ainda subsídios e incentivos para o biofuel, que começam a causar um novo tipo de distorção dos preços dos produtos agrícolas nos mercados, levando-nos a questionar a lógica destas políticas públicas.

Agora que entramos na segunda metade de 2008, a combinação interligada entre o aumento do preço dos produtos alimentares e do petróleo é um teste real à capacidade política dos líderes mundiais para se manterem na rota dos Objectivos do Milénio até 2015.